

**UNIVERSIDADE DE UBERBA**  
**BIANCA BÁRBARA BORGES ANDRADE**

**ADOCIMENTO PSÍQUICO DAS MULHERES DEVIDO A CONSTRUÇÃO  
SOCIAL DA MULHER**

**UBERABA – MG**

**2022**

**UNIVERSIDADE DE UBERABA**  
**BIANCA BÁRBARA BORGES ANDRADE**

**ADOCIMENTO PSÍQUICO DAS MULHERES DEVIDO A CONSTRUÇÃO  
SOCIAL DA MULHER**

Trabalho apresentado a Universidade de Uberaba  
Como parte das exigências de conclusão do Curso  
De Psicologia.

Orientador (a): Helena Borges Ferreira

**Uberaba- MG**

**2022**

# **ADOCIMENTO PSÍQUICO DAS MULHERES DEVIDO A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER**

## **Resumo**

O artigo trata sobre o fato de mulheres apresentarem consideravelmente mais Transtornos Mentais Comuns (TMC) que os homens. Tais transtornos apresentam sintomas que alteram o funcionamento normal dos indivíduos, prejudicando seu desempenho na vida familiar, social, pessoal e no trabalho. Entende-se que a sobrecarga da mulher engloba diversos fatores, não se limitando apenas a sua inserção no mercado de trabalho, mas se expandindo a responsabilidades domésticas e familiares. A construção social dos papéis das mulheres contribui muito para o adoecimento psicológico desse grupo por estarem intimamente ligados ao que significa ser mulher, se estabelecendo parâmetros e possibilidades de atuação coletiva.

Construção social; Mulheres e Saúde; Saúde Mental de Mulheres; Transtornos Mentais Comuns

## **Introdução**

O transtorno Mental Comum (TMC) é uma expressão que caracteriza sintomas como fadiga, insônia, irritabilidade, dificuldade de concentração, esquecimento e queixas somáticas, que indicam situações de sofrimento mental. Pesquisas apontam que as mulheres apresentam mais transtornos desse tipo que os homens. Ansiedade, humor depressivo, insônia, anorexia nervosa e sintomas psicofisiológicos são os mais comuns entre esse grupo (PINHO & ARAÚJO, 2012).

Atualmente, tem se verificado a relação entre TMC e as condições de vida e estrutura ocupacional, uma vez que, regras sociais e situações de existência interferem diretamente no comportamento de um indivíduo diante de uma sociedade, na forma como ele se relaciona com os outros, com ele mesmo e com as coisas que o afetam (ARAÚJO, PINHO & ALMEIDA, 2005).

Ao longo da história é possível compreender como os papéis construídos socialmente interferem na forma como a mulher existe, determinando regras sociais do que deve ser feito por elas, e como isso impacta a saúde mental dessa população. Os rumos que a identidade da mulher segue através da história e que determina suas formas culturais não

são específicas ou aleatórias, mas são frutos das demandas de um sistema social que se cria, recria e dá forma, na vida cotidiana.

A princípio, as mulheres eram designadas a cuidarem da limpeza de suas casas, dos seus filhos, da forma como se vestiam, falavam, sentavam e se apresentavam (BERALDO, 2014). A mulher era intimamente ligada ao trabalho doméstico e a maternidade, afazeres considerados pertencentes ao mundo feminino (FONSECA, 2005). Muito disso se derivou a partir do crescimento da propriedade privada que trouxe consigo a subordinação sexual da mulher e obteve outros meios que impuseram e normalizaram o feminino, ditado pela supremacia masculina.

Os meios de comunicação ajudaram na construção da imagem da mulher na sociedade, uma vez que ela não só veicula, mas também constrói discursos, identidades, e produz significados. Personagens femininos de filmes, series e novelas sempre estão intimamente ligados a fragilidade, cuidado e submissão, além também de um padrão estético em que as atrizes são magras e delicadas. Os anúncios publicitários enfatizam a imagem da mulher como um corpo fragmentado, que elas precisam aprender a usá-lo em silêncio, dá aos produtos o poder de falar por elas expressando seu interior sob a forma de necessidades e desejos. A compreensão de que o modo correto de ser mulher é cuidando da casa, dos filhos e seguindo a estética delimitada a elas, é cada vez mais enfatizada e afirmada pela mídia (BERALDO, 2014).

Além disso, o conteúdo dos meios de comunicação sobre o mundo feminino sempre relatou mulheres felizes com as responsabilidades impostas a elas e não abordavam a solidão da maternidade e muito menos apresentavam espaços em que essa população pudesse relatar sobre suas insatisfações, tristezas e cansaço. A imagem da mulher que está vivendo corretamente e é enxergada como mulher, é aquela que está feliz o tempo todo e não apresenta nenhum tipo de sobrecarga. Este grupo foi ensinado a ser responsável por tarefas que podem ser desenvolvidas por outras pessoas, e se por ventura precisarem pedir ajuda, ou demonstrarem qualquer insatisfação, por consequência não são boas mulheres, sendo assim, novamente silenciadas. Mas os afazeres designados a esse grupo mudaram ao longo do tempo. Além de donas de casa e mães, passaram a fazer parte de outros cenários nunca antes imaginados.

A luta das mulheres por igualdade de gênero acrescentou a elas a conquista de espaços em ambientes de trabalho e na política. Porém, o direito de compor estes novos espaços

trouxe em paralelo novas regras e cobranças. A sobrecarga dessas mulheres é um resultado inevitável diante deste panorama. Sua exaustão não se limita apenas as responsabilidades do lar, o bem-estar da família e a sua imagem, mas também a sua inserção no mercado de trabalho e na política, duplicando sua jornada, e fazendo com que os cuidados consigo mesmas se tornem, quase ou, totalmente nulos (FONSECA, 2005).

## **1. Construção Social da Mulher**

Existem diversas características no âmbito social sobre o que significa ser mulher, tais características também se consolidam através de prêmios e sanções. Os critérios que delimitam o que é ser mulher e sua forma de existência, variam de acordo com aspectos físicos, culturais, de classe social e outras determinantes, como: se é dona de casa, mãe, trabalhadora, casada, solteira, jovem ou madura. Com isso, se forma a cultura feminina com características que reproduzem a visão de mundo, as possibilidades de atuação coletiva e as maneiras da mulher relacionar-se consigo mesma.

Na Grécia, nas suas representações antigas, a princípio, tudo o que existia no mundo havia sido criado por uma Grande Deusa, Gea, a Mãe da Terra. Já a partir do segundo milênio a maioria das mitologias retratam a criação do mundo feita por um deus supremo masculino. Um exemplo próximo da nossa civilização é o da mitologia Judaico-Cristã que ilustra o Deus onipotente e onipresente que tem o controle de toda a terra e detém o poder do mundo sozinho, Javé. Com a migração do politeísmo para o monoteísmo, o protagonismo da mulher se resumiu apenas ao ato de gerar deuses, não sendo mais associadas a grandes feitos como a criação de um mundo, mas sim a de gerar um deus detentor de tudo. Mesmo que de forma acessória e secundária, a imagem do feminino permaneceu e se estabeleceu como sagrado por ter a possibilidade de gerar a vida daquele que possui o controle de todos os aspectos da vida humana.

Com o crescimento da propriedade privada, a subordinação sexual da mulher se consolidou, em virtude de o marido necessitar da exclusividade dela para nutrir e criar os filhos para que ele pudesse obter êxito no trabalho que desempenhava, encerrando assim o período histórico em que a mulher respondia pela unidade familiar, pela organização da sociedade e pela herança dos bens. Dessa forma, o papel da mulher foi se limitando a fazer aquilo que é de vontade do homem, sendo ligadas ao trabalho doméstico e a maternidade (DA FONSECA, 2005).

## **2. Diferença Entre Gêneros**

Igualdade e liberdade eram os direitos pregados durante a Revolução Francesa no final do século XVIII. Porém, em paralelo a isso era possível observar a preocupação, principalmente da classe médica, com as diferenças entre mulheres e homens. Tal preocupação acarretou na reafirmação das condições biológicas e dos papéis sociais destinados a cada gênero, distanciando cada vez mais a possibilidade de uma quebra de paradigmas sobre a natureza dos seres humano na medicina. A imagem do masculino, ao longo da história, sempre foi exposta como superior a imagem feminina. O homem sempre é relacionado a força, a virilidade, ao trabalho árduo, ao herói. E a mulher ligada ao cuidado, carinho, fragilidade, sendo sempre relatada como inferior aos homens. Além disso, há a insistência da ideia de que a natureza reserva a mulher a predestinação à maternidade, sendo seu corpo completamente moldado para a gestação e nascimento do bebê. A natureza do útero, os ovários, a virgindade e a puberdade eram as temáticas mais tratadas pelos médicos.

A menstruação, é um fato muito evidenciado da mulher que marca a passagem para a fase reprodutiva feminina, este fenômeno natural do corpo feminino é atrelado, neste momento da história, a diversos tabus, como a ideia de frigidez e a não importância do prazer da mulher no ato sexual, uma vez que isto não impacta na procriação. É importante ressaltar que os espaços no campo da medicina, e não só nesta área, eram preenchidos por homens, existindo sempre uma influência da superioridade masculina sobre os aspectos femininos, cominando em muitos preconceitos, restrições e receios. Nesta época, a associação de doenças do corpo e da alma, como a histeria, eram ligadas ao útero, concretizando a falsa ideia de que as mulheres são doentes por serem mulheres. A mulher não passava de um corpo instável que necessitava de regras para se regular.

A ênfase na diferenciação de gêneros ocorreu de maneira mais identificável no final do século XVIII e início do século XIX. Quando se referia a esse estudo, referia-se particularmente ao sexo feminino. No início do século XIX os problemas ligados a maternidade, ao aleitamento e a masturbação, adquirem maior importância e a alegação da diferença entre os gêneros ganha maior destaque. Até o século XVIII, o modelo predominante de existência era o que acreditava na existência de apenas um sexo biológico enquanto o gênero se apresentaria em pelo menos duas possibilidades, modelo este herdado pelos gregos que prevaleceu até o Renascimento. O importante disto é que existia apenas um corpo, o que os difeririam eram apenas os aspectos culturais e sociais.

Depois desse momento, o modelo de dois sexos, baseado em uma biologia da incomensurabilidade passou a vigorar (ROHDEN, 2001).

### **3. Tornar-Se Mulher**

Simone de Beauvoir é uma das grandes figuras associadas as pautas das mulheres. Em seu livro **O Segundo Sexo**, Beauvoir (1970, p.10) discorre sobre a superioridade do homem e a construção de fragilidade acerca da mulher. As mulheres são postas como carentes de qualidades e desprovidas de inteligência. A história de Eva e Adão reforça este comportamento quando analisado que Eva foi feita a partir da costela de Adão, não sendo considerada um ser autônomo. O processo de tornar-se mulher, se pauta no que foi ditado pela supremacia masculina, o homem é sujeito, a mulher apenas o outro.

Diversos aspectos influenciam nas crenças criadas diante da existência da mulher, uma delas, citada por Beauvoir (1970, p.15) no livro, é relacionada aos bens materiais. Excluída de ser útil em outras áreas que não fosse a materna, fica instituído ao homem a proteção material desta mulher. Com isso, a mesma se torna presa de vontades estranhas, perdendo sua transcendência, não reivindicando sua existência, visto que não possui meios concretos para realizar tal feito, já que o laço que a prende ao homem, nesse momento da literatura, é necessário, fazendo com que ela se coloque no seu papel de outro.

Beauvoir também pontua (1970, p.16), que tudo que é escrito por homens, sobre as mulheres, é suspeito. Todas as limitações impostas por eles evidenciam seus próprios interesses e a vontade de domínio. No século XVI, Santo Agostinho declarou que a mulher era um animal instável, na tentativa de manter a mulher casada sob tutela. Não foi só com a religião, com a filosofia e com a teologia, que tentavam a todo custo provar a inferioridade da mulher, mas também apelaram para a ciência, biologia e psicologia.

### **4. O Adoecer**

Discutir as definições de saúde e doença implica em discutir e repensar fatores biológicos, sociológicos, econômicos, ambientais e culturais. Apenas a ausência de doença, não faz com que um indivíduo esteja saudável, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde é um completo estado de bem-estar físico, mental e social. Em certo momento da história, a medicina priorizou doenças e seu processo diagnóstico em favor de pessoas que sofrem o padecimento (FERREIRA, 2014).

Padrões sintomáticos repetidos em determinados padecimentos foram intitulados de doenças, independente da individualidade de cada sujeito em seu processo de adoecer. Sendo assim, o adoecimento derivava da doença e esta era considerada um desvio do que se espera do funcionamento normal do organismo, algo que pudesse ser diagnosticada e tratado.

Devido a isso, existia a possibilidade de o sofrimento do paciente acabar se tornando irrelevante para o profissional de saúde mergulhado no seu papel de identificador de doenças. Isso fazia com que o paciente se tornasse apenas o caminho para a doença, enquadrando os processos de adoecer, ignorando as subjetividades e as perspectivas culturais. Com o decorrer do tempo, foi se constatando a singularidade do adoecer e considerando outras formas de estar adoecido sem que se transpareça um padecimento apenas físico, englobando outros aspectos, como o psicológico.

## **5. O Adoecer Psíquico**

O adoecimento psíquico é decorrente dos agravos de saúde na sociedade atual. A depressão, abuso de álcool, transtorno bipolar e esquizofrenia estão entre as principais causas de incapacidade nas pessoas. Segundo a OMS, a depressão afeta cerca de 350 milhões de pessoas. Como a medicina restringia os fenômenos psíquicos ao âmbito orgânico, criou-se a ideia de que o adoecimento psíquico é uma entidade autônoma, isolado dos contextos socioculturais das quais o sujeito se insere (VIAPIANA, GOMES & ALBUQUERQUE, 2018).

A produção de doenças acontece no âmbito coletivo, tornando inadmissível desvincular o estudo do processo saúde-doença do contexto social em que está inserido. É necessário considerar o contexto bio-psico-social para que se entenda o adoecimento psíquico. As novas formas de gestão de trabalho, a exigência da alta produtividade, a pressão por intermédio de metas, o desemprego, o contexto familiar, o capitalismo e as situações de vida de cada indivíduo, podem e resultam em um aumento de sobrecarga psíquica que levam ao adoecimento.

Reações emocionais são aguçadas por aquilo que satisfaz as necessidades do indivíduo e se relaciona com as exigências sociais, direta ou indiretamente. Aspectos que obstruem a satisfação das necessidades ou não se enquadra as exigências da sociedade, resultam em emoções negativas, culminando em sentimentos relacionados com processos de

sofrimento e adoecimento psíquico, que também oferecem um risco a saúde e bem-estar físico, constatando a estreita relação entre ambas.

## **6. O Transtorno Mental Comum**

O transtorno Mental Comum (TMC) é uma expressão que caracteriza sintomas como fadiga, insônia, irritabilidade, dificuldade de concentração, esquecimento e queixas somáticas, que indicam situações de sofrimento mental. Pesquisas apontam que as mulheres apresentam mais transtornos desse tipo que os homens. Ansiedade, humor depressivo, insônia, anorexia nervosa e sintomas psicofisiológicos são os mais comuns entre esse grupo (PINHO & ARAÚJO, 2012).

Atualmente, tem se verificado a relação entre TMC e as condições de vida e estrutura ocupacional, uma vez que, regras sociais e situações de existência interferem diretamente no comportamento de um indivíduo diante de uma sociedade, na forma como ele se relaciona com os outros, com ele mesmo e com as coisas que o afetam.

Nos últimos estudos, a avaliação de aspectos relacionados a inserção da mulher ao mercado de trabalho estão sendo associados, a determinantes ou contribuintes, para a ocorrência de TMC. Tem se comprovado, que mulheres inseridas no ambiente de trabalho e donas-de-casa, possuem padrões e ocorrências de agravos a saúde mental. Diferente dos homens, as mulheres inseridas no mercado produtivo possuem responsabilidades domésticas e familiares que a limitam, fazendo-se necessário adaptar o emprego a estas funções.

Existe, ao redor do trabalho doméstico, uma invisibilidade decorrente da percepção social de que esta atividade não se enquadre como trabalho, visto que não produz valor. A consequência do trabalho exercido e não reconhecido, resulta como produtor de intenso sofrimento psíquico, decorrente de tensões geradas pelas características monótonas da atividade e das demandas de papéis sociais aos quais a mulher deve atender.

A prevalência de TMC entre mulheres é acarretado devido a regras sociais que determinam o que deve ser feito por elas. As expectativas construídas socialmente entorno da existência da mulher impacta a saúde mental dessa população (ARAÚJO, PINHO & ALMEIDA, 2005).

## **Considerações Finais**

Ao termino deste artigo é pertinente dizer o quão preocupante é o crescente número de mulheres acometidas por esses transtornos. Pessoas com TMC exibem duas vezes mais queixas de saúde física do que aquelas sem TMC (ARAÚJO, PINHO & ALMEIDA, 2005). Nessa perspectiva, se faz de extrema importância este estudo, uma vez que compreender regras sociais constituídas por um olhar masculino que determinam a forma como elas existem, estudando fatores sociais e de época que contribuem para a perpetuação destas imposições sobre as mulheres, nos permitem entender a associação entre os transtornos mentais comuns e este grupo.

Com isso, se torna possível fomentar reflexões do que pode ser feito para reduzir o número de mulheres com TMC, instigando discussões sobre a implementação de políticas públicas, iniciativas de base comunitária e mediações por parte de profissionais, visando buscar uma melhora nas taxas de mortalidade, visto que indivíduos com transtorno mental comum apresentam estes índices elevado, além de uma ascensão na saúde e bem-estar destas pessoas.

Refletir e questionar sobre o impacto que as normas sociais que delimitam a forma como as mulheres devem agir, e suas responsabilidades perante a sociedade, entendendo que a sua criação foi a partir de um ponto de vista masculino, que por consequência reflete desigualdades de gênero, poder e submissão, é o primeiro passo para quebra de crenças e padrões que atravessam décadas e contribuem para que esse ciclo adoecido que sobrecarrega esta população continue.

#### **REFERENCIAS**

ARAÚJO, Tânia Maria de; PINHO, Paloma de Sousa; ALMEIDA, Maura Maria Guimarães de. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 5, n. 3, p. 337-348, 2005.

BERALDO, Beatriz. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO**. 2014. p. 01-15.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social. 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Cidade: Nova Fronteira, 2014

FERREIRA, Debora Carvalho et al. A experiência do adoecer: uma discussão sobre saúde, doença e valores. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, p. 283-288, 2014.

PINHO, Paloma de Sousa; ARAÚJO, Tânia Maria de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, n. 3, p. 560-572, 2012.

VIAPIANA, Vitória Nassar; GOMES, Rogério Miranda; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 175-186, 2018.